



Universidade Federal Rural de Pernambuco
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa EAD

RAFAELA KAROLINA SOUZA MARQUES

**ORALIDADE EM CENA NA ESCOLA: *Slam* como estratégia para
letramentos literários de reexistência**

**Recife,
2023**



Universidade Federal Rural de Pernambuco
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa EAD

RAFAELA KAROLINA SOUZA MARQUES

**ORALIDADE EM CENA NA ESCOLA: *Slam* como estratégia para
letramentos literários de reexistência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Ivanda Maria Martins
Silva

**Recife,
2023**



Universidade Federal Rural de Pernambuco
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa EAD

RAFAELA KAROLINA SOUZA MARQUES

ORALIDADE EM CENA NA ESCOLA: Slam como estratégia para letramentos literários de reexistência

Orientadora:

Profa. Dra. Ivanda Maria Martins Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Paloma Pereira Borba Pedrosa
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Prof. Dr. José Temístocles Ferreira Júnior
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

ORALIDADE EM CENA NA ESCOLA: *SLAM* COMO ESTRATÉGIA PARA LETRAMENTOS LITERÁRIOS DE REEXISTÊNCIA

Rafaela Karolina Souza Marques

Autora do Trabalho de Conclusão de Curso
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE

Ivanda Maria Martins Silva

Professora orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
ivanda.martins@ufrpe.br

RESUMO

O *Slam* é uma competição de poesia falada, um espaço livre para expressão de discursos poéticos, marcados pela subversão literária, social e política. Esse artigo investiga como o gênero *Slam* atua enquanto prática de letramentos literários de reexistência em conexão com processos de ensino e aprendizagem da oralidade na Educação Básica. Quanto ao aporte teórico, a pesquisa fundamentou-se nas abordagens de Cosson (2006) sobre letramento literário e Silva (2005) quanto ao ensino de literatura, nos trabalhos com gêneros orais abordados por Dolz e Schneuwly (2004), no conceito de oralitura (Martins, 2003), na noção de letramentos múltiplos e heterogêneos (Kleiman, 1995). Além disso, adotou-se o *Slam* como uma agência de letramento de reexistência (Souza, 2011), além de atentar-se ao trabalho com o *Slam* em sala de aula feito por Neves (2017); Miguel e Guimarães (2021). A partir da metodologia da pesquisa-ação, com abordagem qualitativa e com análise de conteúdo, a pesquisa foi realizada em consonância com as vivências pedagógicas realizadas no âmbito do Programa de Residência Pedagógica – PRP/CAPES, Núcleo de Letras/Língua Portuguesa, da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE/UAEADTec. Foi implementado um Plano de Ação Pedagógica – PAPE, com os alunos do 3º ano do Ensino Médio de escola pública estadual de Pernambuco, baseado no processo de sequência didática. A intervenção pedagógica desenvolveu a escrita criativa, a leitura crítico-reflexiva, a oralidade e a expressão corporal dos estudantes. Assim, foi possível observar que a vivência com o gênero *Slam* impulsionou o protagonismo dos discentes e que o contato com a literatura a partir da oralidade tornou essa linguagem mais acessível, significativa e real para os discentes, pois foi observado que foi possível identificarem suas singularidades nos textos falados. Esse estudo oferece aparato teórico e prático para o trabalho com letramento literário a partir da oralidade, bem como amplia perspectivas para pesquisas acadêmicas e práticas educacionais, no que concerne ao ensino de literatura, pois, sendo essa, uma prática social marcada por interações subjetivas, nada mais coerente do que trabalhar com as “falas das ruas”, carregadas de identidades culturais, estéticas, sociais e históricas.

Palavras-chave: *Slam*; Letramento Literário; Oralidade; Letramento de reexistência, Residência Pedagógica.

1. Introdução

Em consonância com o trabalho produzido no Programa de Residência Pedagógica – PRP/UFRPE- CAPES, esta pesquisa busca trabalhar com o *Slam* como prática de letramentos literários de reexistência, em conexão com processos de ensino e aprendizagem da oralidade na Educação Básica. Busca-se refletir, assim, sobre os outros letramentos múltiplos e heterogêneos (Kleiman,1995) presentes nos cotidianos dos alunos. Trata-se de uma pesquisa-ação que visa a observar o *Slam* como uma agência de letramento de reexistência (Souza, 2011), tomando como base a oralidade, já que é tido como um gênero literário realizado pela poesia oral, o qual considera, também, o conceito de vocalidades (Zumthor, 1993, p. 21) e o conceito de oralitura (Martins, 2003), que reflete sobre manifestações socioculturais expressas pela voz e pelo corpo.

O *Slam* é uma competição de poesia falada que surgiu em 1980, nos bares e cafés dos Estados Unidos, um espaço no qual acolhia as vozes poéticas das periferias e dos imigrantes. O *Slam* surgiu em Chicago, em 1984, com Marc Kelly Smith, um operário da construção civil e poeta, que pegou emprestado essa onomatopeia da Língua Inglesa para nomear *Uptown Poetry Slam*. Essa palavra indica a batida de uma porta e o impacto desse vocábulo reflete a tentativa de Smith de popularizar a poesia falada fora das academias.

Roberta Estrela D’Alva traz o *Poetry Slam* para o Brasil (São Paulo), em dezembro de 2008, criando o *ZAP! Slam*, que viralizou e influenciou vários outros *Slams*, como o *Slam* da Guilhermina, fundado em 2014 por Emerson Alcalde, figura importante para o trabalho com o *Slam* nas escolas, e outros, como o *Slam* do Grito, *Slam* das Minas, *Slam* do Corpo, *Slam* Resistência, *Slam* Sófálá, que diferentemente de sua origem que se fazia lugares fechados, começa a ocupar ruas, praças e estações de metrô, fortalecendo ainda mais seu caráter transgressor e político através da literatura oral.

As apresentações poéticas seguem três regras principais: devem ser declamadas poesias autorais, com duração de até 3 minutos, com o uso apenas do corpo e da voz, sem figurinos, acompanhamento musical, ou cenário. A competição ainda conta com um júri, participantes da plateia, que dão notas de 0,0 a 10,0 para

as poesias. Além disso, o gênero literário caracteriza-se como um evento, pois conta, ainda, com um *Slam Master*, que seria uma espécie de apresentador, os matemáticos, que contabilizam as notas e os *Slammers* (poetas). A oralidade do evento é praticada tanto pela poesia falada, quanto pela criação de um grito próprio para cada *Slam* e reações do público, que interagem com as performances a partir de palmas, gritos e interjeições. E apesar de ser uma competição, é um movimento bastante democrático, em que qualquer um pode se inscrever para participar, pois no final é sempre a poesia quem ganha. Essa modalidade literária, hoje conta com campeonatos estaduais, nacionais (*Slam BR*), e mundiais, um deles acontece na França, no qual a *Slammer* pernambucana Bell Puã já participou. O evento foi crescendo e em 2021 foi criada a *Copa Aby Ayala*, com os poetas das Américas e o *World Poetry Slam Organization*, outro campeonato mundial criado em 2022, nos quais poetas que vencem o *Slam BR* também podem participar.

A presença do *Slam* dentro da escola transgride a cultura de escrita europeia que ainda perpetua traços de colonialidade, reafirmando a existência de uma literatura marginal e oral, mais próxima da realidade dos alunos e que podem reinventar o letramento escolar. Esse gênero marca singularidades identitárias através da fala poética, fomentando a formação de leitores-ouvintes e produtores de literatura. O termo marginal, nessa pesquisa, considera que essa literatura vem de uma “margem” geográfica e social, pois parte das periferias da cidade e dá espaço às vozes que estão à margem dos meios de produção literária (Rosa; Leite, 2023, p.139).

A presente investigação configura-se como pesquisa-ação, na qual a pesquisa educativa e a prática docente unem-se (Franco, 2005, p. 486). A pesquisa-ação caracteriza-se como metodologia cíclica que integra avaliação diagnóstica-ação-reflexão-ação. Neste trabalho, foi realizada uma avaliação diagnóstica que embasou o desenvolvimento e implementação de um plano de ação baseado no processo de sequência didática de Dolz, Schneuwly (2011). Tivemos como base as experiências didáticas com a poesia na sala de aula encontradas em Pinheiro (2018), o trabalho com gêneros orais abordados por Dolz, Schneuwly (2004), conceito de oralitura (Martins, 2003), a visão da literatura no ensino, conforme Silva (2005), o conceito de letramento literário abordado em Cosson

(2006), além atentar-se ao trabalho com o *Slam* em sala de aula, feito por Neves (2017) e Miguel, Guimarães (2021), observando-o de acordo com conceito de letramento de reexistência de (Souza, 2011). Para a realização do plano de ação pedagógica, utilizamos, principalmente, a metodologia ativa da Aprendizagem Baseada em Projetos - ABP.

Para isso, inicialmente, devemos perceber as características dos sujeitos participantes da pesquisa, reconhecendo identidades, valores, ideologias e conhecimentos prévios sobre rap, literatura (poesia oral) e oralidade. Com a aplicação do plano de ação pedagógica, buscamos colocar em foco o gênero *Slam* em articulação com práticas de oralidade, finalizando na realização de um evento literário, a competição *Slam*, com o intuito de promover práticas de letramentos literários de reexistência no contexto da Educação Básica.

Pensando justamente nesse contexto e o que impulsiona a necessidade dessa pesquisa, refletimos, inicialmente, sobre o trato com a poesia em sala de aula. Na obra "*Poesia na sala de aula*", Helder Pinheiro aponta que o gênero literário poesia tem ocupado um pequeno espaço no ensino e aprendizagem de língua materna. O autor comenta que alguns professores trazem dificuldades quanto ao trabalho com o poema, contribuindo, assim, com o distanciamento entre a poesia e o leitor escolar (Pinheiro, 2018, p. 11-12). Além da dificuldade no trabalho com o gênero, surgem dúvidas de como interpretar, entender o sentido figurado ou ainda de não saber declamar. Outrossim, um aspecto que também contribui para esse panorama é observado na análise de como os livros didáticos abordam os poemas, concluindo que estes se voltam mais para questões formais e menos para as questões lúdicas e dialógicas entre o leitor e o texto.

Diante disso, percebemos a marginalidade da poesia na sala de aula, e visto que, "a resistência faz parte do *ser poesia*" (Bosi, 2000), ela adquire grande importância dentro de um contexto educacional, se a considerarmos como estratégia para expressão de singularidades dos sujeitos. Esse olhar para a poesia se relaciona, também, com a marginalidade dos letramentos orais, outra questão que impulsiona essa pesquisa, pois a oralidade ainda é vista com o olhar do colonizador, devido à sua ligação aos povos africanos e indígenas, questão que reflete o racismo estrutural e a dominância da cultura escrita europeia nas escolas.

Para contribuir com essa percepção, trazemos o conceito de oralitura, cunhado por Leda Martins (2003), que vê a performance grafada pelo corpo e pela voz, como uma “inscrição cultural”, uma “enunciação do sujeito e de sua coletividade”, “constitutiva das alteridades dos sujeitos, das culturas e suas representações simbólicas”. Logo, o trabalho com a literatura a partir do corpo e da voz, também inscreve memórias e repertórios narrativos e poéticos da textualidade dos povos africanos e indígenas.

Essa noção de marginalidade, no sentido de “margem”, já exposta anteriormente, se estende à desconsideração das singularidades dos corpos dos sujeitos dentro da sala de aula, refletindo um traço de colonialidade, bem como acortina agenciamentos de letramentos de reexistência que acontecem nas práticas de uso de linguagem que permeiam o cotidiano dos alunos dentro e fora da escola. Compreender a vivência dessa cultura marginalizada relacionada ao gênero poético, à oralidade e às singularidades dos indivíduos, dentro da escola, se torna a principal reflexão desta pesquisa-ação.

Sabe-se que o trabalho com a poesia marginal e com uma literatura viva e local é, por vezes, minimizado nas escolas, e, em vez disso, é mais comum a leitura e o ensino de cânones que tem sua base na cultura europeia. A escrita rebuscada, contudo, pode trazer um distanciamento da literatura com a realidade dos alunos, principalmente àqueles da escola pública, que em sua maioria, vivem em vulnerabilidade social e econômica, além fazerem parte de grupos sociais como negros, pardos, indígenas e me minoria social, que raramente se veem representados por essa literatura. Na perspectiva sociológica de Antonio Candido, a literatura é vista como um fenômeno cultural e social, elencando suas funções, psicológica, formadora e social, o autor nos mostra que essa arte está ligada à realidade e a própria existência do leitor, refletindo, pois, o processo humanizador da literatura. Dito isso, como a poesia *slam* pode aproximar os estudantes da literatura?

Relacionado a essa questão, que concerne à relação das singularidades dos sujeitos com a literatura, outra reflexão se faz indispensável, a necessidade de agências de letramentos de reexistência dentro da escola. Entendemos a sala de aula com sua heterogeneidade e, consideramos o conceito de letramentos múltiplos como: “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento

têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder (Kleiman, 1995, p. 11).

Partindo dessa contextualização inicial, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar o *Slam* em práticas de letramentos literários de reexistência em conexão com processos de ensino e aprendizagem da oralidade na Educação Básica. Como objetivos específicos, indicamos: 1) Caracterizar os sujeitos participantes da pesquisa, reconhecendo identidades, valores, ideologias e conhecimentos prévios sobre rap, literatura (poesia oral) e oralidade; 2) Desenvolver Plano de Ação Pedagógica voltado para os estudantes do 3º ano do Ensino Médio, com foco na poesia *Slam* em articulação com práticas de oralidade; 3) Avaliar como o gênero *Slam* pode promover práticas de letramentos literários de reexistência no contexto da Educação Básica.

Pela colonialidade ainda perpetuada em nossa sociedade, é possível perceber que algumas práticas sociais são historicamente silenciadas dentro da escola, por pertencerem a corporeidades, identidades e culturas específicas, que reproduzem o racismo e preconceitos presentes no cotidiano do nosso sistema social. Conforme Souza (2011), a escola

cada vez mais, se torna chão de diferentes culturas com as quais não consegue dialogar - ainda que a necessidade já seja reconhecida -, por conta de um processo de exclusão que ainda marca, em termos de acesso, permanência e sucesso escolar, a história de um Brasil negro e de um Brasil branco que, a despeito de algumas mudanças, ainda não são um só (Souza, 2011, p. 37).

Sendo assim, consideramos a concepção bakhtiniana da linguagem, em que a língua é vista como fenômeno social de natureza dialógica e sócio-histórica. Nesse sentido, as construções discursivas devem levar em conta seus sujeitos, suas identidades, valores ideológicos, a posição e lugar que ocupam na sociedade. Então, como ensinar a língua materna sem pensar nos corpos dos sujeitos que estão em sala de aula? Sem pensar ainda, em suas histórias de vida e a de seu grupo social? E para além, se a escola não conhece ou desvaloriza essas outras formas de uso de linguagem (orais e/ou escritos) e os vários letramentos que circulam nos cotidianos desses sujeitos, seja em casa, na rua, em grupos sociais, literários, culturais ou religiosos, acabam por desconsiderar a existência de boa parcela dos alunos.

2. A Resistência e Reexistência na voz poética

A abordagem da literatura para o Ensino Médio é pautada numa historiografia que apresenta obras literárias de acordo com períodos e escolas literárias a que foram classificadas, porém a função dessa linguagem na escola vai além de catalogar e decorar autores, narrativas e interpretações prontas. Segundo Cosson (2006), a forma de trabalhar a leitura literária nas escolas atualmente, “não está sendo ensinada, para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (Cosson, 2006, p. 26), pois mais que um conhecimento literário é importante trazer para a escola a experiência de leitura a ser compartilhada.

O ensino de literatura, que vai além do texto escrito, se relaciona com as experiências socioculturais e históricas dos sujeitos, ou seja, as práticas sócio-discursivas que se constroem nesse processo tendem a impulsionar um aluno ativo, através de uma construção dialógica e coletiva do aprendizado. Sobre isso, Silva (2006) afirma que

O texto literário é plural, marcado pela inter-relação entre diversos códigos (temáticos, ideológicos, linguísticos, estilísticos etc.), e o aluno deveria compreender a interação entre literatura e outras áreas que se relacionam no momento da constituição do texto (Silva, 2006, p. 87).

Logo, o trabalho com o letramento literário compreende um diálogo com outras áreas do conhecimento, o que o caracteriza como uma prática social, em que os sujeitos, suas subjetividades e contextos também são levados em conta na produção e na construção de sentido.

Para compreender melhor essa relação da literatura como prática social que dialoga com os outros letramentos não escolares que perpassam os sujeitos, essa pesquisa se apoia no conceito de letramentos de reexistência, o qual considera que

as singularidades estão nas micro-resistências cotidianas ressignificadas na linguagem, fala, gestos, roupas e não apenas no conteúdo, mas também nas formas de dizer, o que remete tanto à natureza dialógica da linguagem como também às proposições dos estudos culturais que revelam que as identidades sociais, sempre em construção, se dão de forma tensa e contraditória, próprio de situações em que se está em disputa por lugares socialmente legitimados (Souza, 2009, p.33).

Ao identificar os múltiplos letramentos heterogêneos e historicamente situados (Street, 1984; Gee, 1990; Kleiman 1995, 2006; Barton e Hamilton, 2000; Rojo, 2009) presentes no cotidiano desses sujeitos, bem como as práticas de uso de

linguagem para além das ensinadas na escola formal, podem ser consideradas outras agências de letramento, com as quais as instituições escolares podem dialogar, legitimando, assim, grupos sociais que resistem às assimetrias da sociedade e ao cotidiano ainda racista, sexista e homofóbico.

Outra questão levantada, neste artigo, relaciona-se à presença do ensino da oralidade nas escolas. Segundo Guimarães, Dolz, Lousada (2021, p. 1451), a Base Nacional Comum Curricular - BNCC “apresenta uma concepção de oralidade ainda muito ligada aos processos individuais (a fala, a escuta), à comparação com a escrita, à noção de adequação e à variação linguística”, sem considerá-la como uma “prática social interativa”. Conhecer as vocalidades (Zumthor, 1993, p. 21), para além das práticas com gêneros orais, bem como a inscrição cultural feita pelo corpo e pela voz, presente no conceito de oralitura (Martins, 2003), subsidiará esse trabalho, utilizando a poesia oral do Slam como estratégia para letramentos literários de reexistência. Para Leda Martins (2003),

O significante oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição verbal, mas especificamente, ao que em sua performance indica a presença de um traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. Como um estilete, esse traço cinético inscreve saberes, valores, conceitos, visões de mundo e estilos. A oralitura é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos volejos do corpo (Martins, 2003, p. 77).

O *Slam*, então, por se utilizar da performance poética, dialoga com esse conceito, uma vez que, tal performance realizada por corpos e vozes invisibilizados, a maioria negros e/ou de periferias, carrega uma representação simbólica de seu grupo social, e, grafa, memórias, estéticas, conceitos e visões de mundo, resistindo e (re)existindo no contexto cultural brasileiro, na busca por legitimar a literatura oral como uma prática social. A autora faz seu estudo tendo como objeto rituais afro-brasileiros, e ao comentar sobre a palavra poética, conseguimos perceber uma certa aproximação de sua fala com o que acontece dentro do gênero *Slam*. Segundo Martins (2003),

a palavra poética, cantada e vocalizada, ressoa como efeito de uma linguagem pulsional e mimética do corpo, inscrevendo o sujeito emissor, que a porta, e o receptor, a quem também circunscribe, em um determinado circuito de expressão, potência e poder. (...) A palavra não se petrifica em um depósito ou arquivo estático, mas é, essencialmente, kinesis, movimento dinâmico e carece de uma escuta atenciosa (Martins, 2003, p. 67).

Portanto a palavra poética grafada pelo corpo e pela voz, também carrega textualidade e experiência de letramento literário, além possibilitar aos estudantes o acesso a uma literatura oral que está viva e pulsante nas periferias, impulsionando uma ruptura com a concepção de ensino de língua materna, “em que as práticas validadas de uso da língua são apenas ensinadas e aprendidas na escola formal” (Souza, 2011, p. 36).

Esse gênero literário foi escolhido para essa pesquisa-ação, porque letramentos baseados na oralidade são marginalizados e fazem parte dessas “singularidades” abordadas no conceito de Souza (2009), portanto, vimos a necessidade de desmitificar a visão de que a “oralidade é sinônimo de popular ou folclórico” e fazer refletir sobre “o lugar que a manifestação da voz tem na escola, que de forma geral, denuncia essa posição subalterna” (Medeiros, 2007, p. 9).

Segundo o questionário de sondagem realizado na escola campo desta pesquisa, alunos do 3º ano do Ensino Médio sentem dificuldades em falar, argumentar e debater em sala de aula, mesmo participando de práticas de gêneros orais como roda de conversa, seminários, debates, encenação teatral e produção musical. Então, percebe-se que ainda há um desafio em como desenvolver a expressividade oral desses alunos.

Voltando um pouco à história educacional da população negra no Brasil, Barros (2005, *apud* Souza, 2011, p.38), mostra que houve um segregacionismo racial na escolarização. A sua pesquisa sobre a educação em São Paulo, entre o final do século XIX e início do século XX, nos diz sobre a difícil permanência dos negros no espaço escolar, tanto em relação às exigências escolares, tais como: a necessidade de adquirir material escolar e a presença de um adulto responsável para fazer a matrícula, ou até sobre o distanciamento desse espaço devido à necessidade de trabalhar. Para além das dificuldades do acesso, o estudo também aborda sobre o medo das famílias brancas em manter seus filhos em contato com pessoas negras, pois sua cultura e crenças não eram aceitas. Assim, a população negra era impedida de ter instrução, pois isso significava um perigo para a estrutura racista e colonialista vigente, visto que o conhecimento e o acesso à leitura e escrita poderia disseminar rebeliões. Nesse contexto, a escrita, que se aproximava à concepção de modelo europeu e que daria a possibilidade de ascensão social e

profissional, parecia mais legítima do que a oralidade, utilizada pelos indígenas e negros de ascendência africana (Souza, 2011, p. 38). Com isso, percebemos que, a partir das discussões trazidas pela autora, a subalternização e a não valorização da cultura oral nas escolas, vem da formação de um sistema educacional historicamente racista. Logo, a oralidade dentro da escola, apesar de ter presença nos documentos oficiais como BNCC, LDB, PCN, ainda ocupa esse espaço secundário pelo domínio do modelo de linguagem do colonizador.

Ciente, então, que a escola é um espaço que favorece o modelo europeu escrito e que ela se caracteriza como um lugar de aquisição da escrita, o *Slam* atua enquanto agência de letramentos literários e de reexistência, como aponta Neves (2017):

Alunos-slammers transgridem, portanto, a cultura legitimada pela instituição escolar, atuam como agentes de letramentos de reexistência, e não somente “resistência”, explica-nos Souza (2011), pois não deixam de valorizar a cultura letrada escolar, mas principalmente a reinventam, a reformulam, a redizem, imprimindo nela sua identidade social e cultural. Ali, em versos, os alunos-slammers reagem, rejeitam, revoltam-se, reconhecem-se, resistem e restam. É preciso resistir para existir. Poesia é reexistência (Neves (2017, p. 109-110).

A poesia *Slam* é marcada por discursos-manifestos que conversam com o interlocutor sobre as lutas das minorias e funcionam como um movimento sociocultural que dá voz às singularidades dos corpos marginalizados na sociedade pelos preconceitos, homofobia, racismo e machismo. Levar o grito poético às ruas, ocupando espaços públicos, com o objetivo de denúncia e luta através da literatura marginal, reafirma e empodera a resistência desses grupos sociais, além de assumir um papel de agência de letramento literário.

Segundo o poeta Emerson Alcalde, “é preciso mostrar poetas para além dos livros didáticos. (...) É preciso trazer a poesia para a oralidade, para o corpo, para a atualidade” (Alcalde, 2016, p. 10). Portanto, a poesia em sala de aula deve ser viva, abordando movimentos literários que conversam com os contextos dos alunos, com sua oralidade e suas identidades.

O *Slam* traz uma bagagem de ações de letramento que acontecem fora da escola e que se trabalhadas em conjunto com o letramento escolar fomentariam a formação de leitores. O uso da oralidade legitima a história e identidade dos grupos sociais ainda silenciados pelo sistema. Como bem comenta Neves (2017):

[...] a própria ideia de levar os slams para as escolas já é um ato de ruptura, uma vez que a poesia da periferia adentra os muros escolares e ganha novos adeptos – “É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”²⁰. Os alunos se tornam leitores e escritores de poemas, seus versos tematizam criticamente a atualidade, reivindicam mudanças – tal como requer o letramento ideológico defendido por Brian V. Street (2014) – em verdadeiro exercício de cidadania: *poesia- educação; poesia-resistência* – não necessariamente nessa ordem (Neves, 2017, p. 109).

Percebemos, pois, nas leituras que fundamentam esse trabalho que o gênero *Slam* tem uma relação com a cultura *hip hop* e as batalhas de rappers. De acordo com Neves (2017), Souza (2009), Guimarães (2021), os *Slams* são caracterizados como batalhas de poesias que dão espaço e voz à poetas da periferia, que versam sobre o cotidiano da comunidade de forma crítica, promovendo engajamento, escuta, reflexão e politização do público “passante” ou “cativo”, com conteúdos sobre racismo, violência, drogas, machismo, sexismo, etc.

A relação do *Slam* com o *Rap* está na poesia marginal que produzem, entendendo aqui poesia marginal como manifestações estético-culturais em que se destaca a ascensão das lutas de grupos das chamadas minorias, que ocupam novos espaços e são produzidas por poetas autores que estão na periferia e vivenciam as experiências versadas em suas poéticas (Miguel, Guimarães, 2021). Além desse viés, temos a congruência com a poesia falada em que “a palavra aparece como motor dos sujeitos”, e é por meio da língua que constroem e reconstroem identidades, o *rap*, segundo Souza (2009), adquire o poder de subverter a escrita por meio da oralização, confere-lhe originalidade, inventividade e autonomia perante a escrita escolarizada, bem como o faz o *Slam*.

De acordo com os argumentos apresentados, acreditamos no poder do *Slam* como agência de letramento literário de reexistência, pois, através de seu caráter oral convoca, denuncia e dialoga com os interlocutores sobre a luta de grupos sociais silenciados, expressando-se por uma fala que atravessa o corpo, voz e estética literária.

Na escola, o *Slam* transgredir a cultura escolar e europeia da literatura apenas escrita, além de reafirmar a existência de uma literatura não canônica e mais próxima da realidade dos alunos, atuando como uma agência de letramentos literários de reexistência, pois os alunos podem reinventar o letramento escolar, marcando agora, suas singularidades identitárias através do gênero poético. “É preciso resistir para existir. Poesia é reexistência” (Neves, 2017) e o grito poético

ecoado nas praças e periferias das cidades devem atravessar o muro das escolas, fortalecer e fazer ressoar àquelas identidades ainda emudecidas que estão sentadas em fileiras com vergonha de falar.

3. A voz das ruas para as escolas

Para essa pesquisa adotamos metodologia da pesquisa-ação com abordagem qualitativa, em que a pesquisa educativa e a prática docente unem-se e o pesquisador também vira participante, considerando que “fenômenos sociais não podem ser observados do exterior, do mesmo modo que não podem ser observados em laboratório” (Mailhiot, 1970, p. 46 *apud* Franco, 2005, p. 486) e ainda que, grupos sociais não revelam suas dinâmicas, senão a um pesquisador engajado que respeita seus processos de evolução histórica (Lewin, 1946, p. 47, *apud* Franco, 2005, p. 486).

A metodologia escolhida tem como característica a definição do problema, pesquisa preliminar (questionário de sondagem), hipótese, desenvolvimento e implementação do plano de ação. A coleta de dados e avaliação do plano de intervenção teve como base a análise de conteúdo de Bardin (1977), por meio de observação de filmagens, questionários e produções dos alunos, avaliamos se os resultados condizem com a hipótese da pesquisa.

O desenvolvimento desse trabalho, em se tratando de uma metodologia cíclica, começa por diagnosticar a situação inicial da escola e dos alunos em relação às problemáticas levantadas, ou seja, através de questionários e roda de conversa colhemos dados sobre os conhecimentos prévios dos alunos e práticas pedagógicas da escola que digam de sua relação com a oralidade, poesia e múltiplos letramentos que considerem as singularidades dos sujeitos. Essa sondagem foi crucial para avaliarmos as estratégias de ação e de intervenção, pois devemos conhecer de onde partimos para compreender uma nova situação formada no processo.

Um primeiro questionário diagnóstico foi realizado com os alunos do 3º ano da escola Padre Nércio Rodrigues, localizada no bairro da Linha do Tiro em Recife. Ao percebermos que muitos estudantes da turma têm dificuldades com a oralidade e pouco contato com a poesia, analisamos um ambiente fértil para trabalhar a proposta de pesquisa. Também foi observado que todos os que participaram da

pesquisa não conheciam o gênero *Slam*, mas que já participaram de saraus propostos na escola. Foi possível avaliar, também, por meio do questionário, que a maioria conhece a poesia oral através do *rap*, *trap* e gêneros populares como o coco e canções de violeiros.

Após essa pesquisa preliminar, trabalhamos em cima da hipótese baseada nos trabalhos de Souza (2011), Pinheiro (2018), Dolz, Schneuwly (2021), Neves (2017), Miguel, Guimarães (2021) e Medeiros (2007).

Já o desenvolvimento do Plano de Ação Pedagógica foi baseado no processo de sequência didática de Dolz, Schneuwly (2011), tomando como base as experiências didáticas com a poesia na sala de aula encontradas em Pinheiro (2018), o trabalho com gêneros orais abordados por Dolz, Schneuwly (2004), o conceito de oralitura (Martins, 2003), a visão da literatura no ensino, vista em Silva (2005), o conceito de letramento literário abordado em (Cosson, 2006), além de atender-se ao trabalho com o *Slam* em sala de aula, Neves (2017); Miguel e Guimarães (2021), observando-o de acordo com conceito de (Souza, 2011).

Ao executar a intervenção baseada na metodologia de sequência didática de Dolz, Schneuwly (2011), seguimos o esquema de apresentação inicial do projeto, produção inicial, execução de módulos e produção final, com culminância na produção de uma batalha *Slam*. A presente pesquisa visa a desenvolver práticas de oralidade que trabalhem com o letramento literário em conexão com os letramentos de resistência, que perpassam os alunos, e para isso, foram desenvolvidas atividades orais e escritas para a compreensão e produção do gênero *Slam*, além de investigar que a literatura oral, feita pela voz e pelo corpo também grafa e realiza uma inscrição cultural dos sujeitos.

Contudo, para iniciar esse processo é importante promover sensibilizações com a poesia oral, focando na oralidade e suas marcações presentes na produção da escrita poética do *Slam*. Por meio de rodas de conversas, aulas, oficinas e exibição de vídeos e áudios, foi considerado também o conceito de “vocalidades” apresentado nos estudos de Zumthor (1993), que trabalha a linguagem não só oralizada e sim os gestos, as entonações... o que não é palavra, mas que expressa significado na enunciação do corpo e da voz, enquanto performance, como bem pontua o conceito de oralitura (Martins, 2003).

Durante a implementação do plano de ação foram feitos alguns debates, para avaliar o desenvolvimento e registrar o *feedback* dos alunos perante as ações realizadas na intervenção, caracterizando assim uma avaliação processual. Nesse contato inicial, pensou-se em aulas dialogadas sobre a presença da poesia oral no estado de Pernambuco, analisando sua manifestação na cultura popular; aula dialogada sobre o gênero poesia e a história da *Slam* no Brasil, sua aproximação com o *rap* e o *trap*, além de, a partir de estudos dirigidos, fazer atividades de leitura comparada entre poemas e músicas. Adicionamos, ainda, a essas aulas exibição vídeos com declamações, debates sobre a performance, reflexão sobre temas transversais das produções analisadas, roda de conversa com rapper, oficina de escrita criativa e de declamação conectando corpo e palavra, e por fim, a produção de textos autorais, culminando na organização de uma batalha *Slam* com os alunos.

Com a intervenção realizada, todos os dados, inclusive a produção poética dos alunos e relatos de observação, foram avaliados com o objetivo de identificar o *Slam* como estratégia de letramentos literários de reexistência. Durante todo o processo, consideramos aspectos do conceito de letramentos de reexistência de Souza (2011), bem como os letramentos múltiplos e heterogêneos que circulam no cotidiano dos alunos dentro e fora da escola.

A pesquisa buscou observar se o *Slam*, enquanto gênero primordialmente oral, se mostra um facilitador do letramento literário por trazer para a escola os outros agenciamentos de letramentos pertencentes a grupos sociais minoritários e que são, muitas vezes, silenciados na escola, e se esse movimento de legitimação dos corpos, identidades, culturas e ideologias dos alunos, através da poesia, desperta o interesse de leitor ou até produtor de literatura.

Para a análise de dados, focamos nos resultados da sondagem, nos debates orais produzidos durante as aulas ministradas, na atividade de releitura, nas produções escritas e nas atividades de declamações. Concentrando o olhar no desenvolvimento da oralidade e como a presença dessa modalidade dentro da composição do discurso poético evidencia as singularidades dos corpos invisibilizados pelo sistema, pensamos em trazer para a escola uma oralidade poética que está viva e pulsante nas ruas, fortalecendo outras formas do fazer literário ainda não abordados na escola, conectando o letramento escolar aos letramentos de reexistências presentes nas periferias da produção literária.

4. O nascimento do *Slam BOOMBAP*

Para o nascimento do *Slam BOOMBAP*, realizamos uma pesquisa de sondagem, um planejamento de intervenção e a implementação desse plano de ação. A seguir, dividiremos essa seção em duas partes: Plano de Ação Pedagógica e relato de experiência, no qual estarão presentes a análise e discussão dos resultados da pesquisa.

4.1. Plano de Ação Pedagógica - PAPE

O Plano de Ação Pedagógica - PAPE que caracteriza essa pesquisa-ação foi baseado nos resultados obtidos pelo questionário de sondagem, no qual foi percebido que a maioria dos alunos conhecia a poesia a partir do gênero musical *Rap*, caracterizado por utilizar a poesia falada acompanhada por uma batida rítmica, enquanto a poesia escrita era pouco consumida pelos entrevistados. Porém, apesar de o *Slam* ter uma conexão com o *rap* e a cultura *hip hop*, nenhum aluno conhecia o *Slam*.

Segue, pois a organização das ações planejadas para os módulos 1 e 2, bem como a produção final que será a culminância do projeto.

Quadro 1: Plano de Ação Pedagógica - PAPE

<i>Distribuição do conteúdo programático</i>	<i>Previsão do Número de aulas</i>
Módulo 1 Tema: Presença da poesia oral: do popular ao marginal Objetivo: Conhecer as várias manifestações da poesia oral Período de realização: de abril a agosto Quantidade de aulas previstas: 10 aulas. Trilhas temáticas/conteúdos propostos: 1) Conhecendo os alunos e seus conhecimentos prévios (2 aulas) 2) Vivenciando a oralidade na poesia e conhecendo as manifestações da poesia oral em PE (2 aulas) 3) Ler, debater e analisar textos de poesia oral na cultura popular (2 aulas, círculo de leitura)	10 aulas

<p>4) Conhecendo as manifestações da poesia marginal e sua relação com o <i>hip hop</i> e <i>rap</i> (2 aulas)</p> <p>5) Roda de conversa com rapper sobre o processo de composição poética (2 aulas)</p>	
<p>Módulo 2</p> <p>Tema: Reexistindo com a poesia Slam</p> <p>Objetivo: Desenvolver o gênero literário <i>Slam</i></p> <p>Período de realização: de setembro a outubro</p> <p>Quantidade de aulas previstas: 12 aulas</p> <p>Trilhas temáticas/conteúdos propostos:</p> <p>1) O que é o <i>Slam</i>? Conhecendo sua história, características e manifestações no Brasil e na escola (2 aulas)</p> <p>2) Leitura, debate e análise semiótica de textos <i>Slams</i> (leitura comparada) (2 aulas)</p> <p>3) Oficina de corpo-poesia (2 aulas)</p> <p>4) Produção de textos (oficina de escrita criativa) (2 aulas)</p> <p>5) Produção de Batalha <i>Slam</i> (4 aulas) (culminância do projeto)</p>	12 aulas

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Apoiando-se na metodologia da sequência didática, esse planejamento abarca as ações desenvolvidas nos módulos, após a apresentação do projeto e a sondagem. Intitulado “*Presença da poesia oral: do popular ao marginal*”, o primeiro módulo tem como objetivo introduzir o conceito de oralidade e a sua manifestação nos textos de cultura popular e da literatura marginal. Realizado entre os meses de abril e agosto de 2023, os alunos teriam a oportunidade de ver, ouvir, ler, escrever e debater textos, músicas, temáticas sociais, além de experienciar uma roda de conversa com um produtor de cultura que faz parte do popular e do *rap*, podendo, assim, conhecer o seu processo de composição poética que conecta os dois movimentos, a partir da tradição oral. Ainda nesse primeiro módulo, os alunos terão a oportunidade de produzir relatos do seu cotidiano e releituras, utilizando marcas de oralidade, como gírias, onomatopeias, expressões que marcam suas falas, mas que agora estarão presentes no texto escrito.

Com a noção de poesia oral firmada, o segundo módulo, intitulado “*Reexistindo com a poesia Slam*”, tem o objetivo de apresentar e desenvolver a vivência do gênero *Slam* na sala de aula, percebendo-o como uma agência de

letramento literário de reexistência. Os alunos conhecerão como funciona o exercício do gênero, quais são suas regras, sua história e trajetória no Brasil, participarão de debates, assistirão a documentários, declamações, analisarão performances, participarão de oficinas de criação literária e de performance, bem como realizarão declamações em grupo, produzirão textos autorais e serão protagonistas da produção e criação de uma batalha de *Slam*. A Batalha será a culminância do projeto, finalizando essa sequência didática

4.2. Relato de experiência: análise e discussão dos resultados

As experiências obtidas na realização dessa pesquisa estão vinculadas à ação do programa de Residência Pedagógica – PRP/UFRPE- CAPES, na EREM Padre Nércio Rodrigues, com a turma do 3º ano do Ensino Médio.

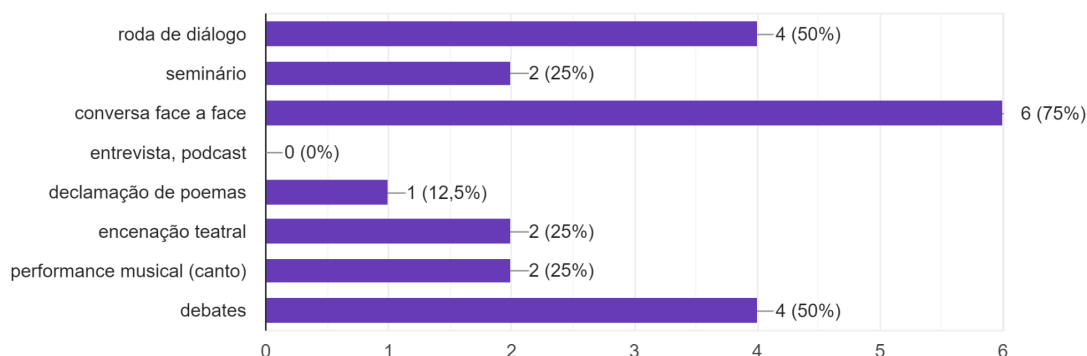
Ao considerar a metodologia da pesquisa-ação, iniciamos com um questionário de sondagem realizado pelo *Google Forms*, para coletar dados sobre os conhecimentos prévios dos alunos em relação às práticas de oralidade na escola, analisar suas experiências enquanto leitores e produtores de poesia e o nível de contato com a literatura e outras linguagens artísticas. Além de sondar sobre esses elementos, também procuramos saber qual o conhecimento e vivências deles com o *slam*, *rap* e cultura *hip hop*, dentro da escola e em suas comunidades.

Com a realização do questionário foi constatado que a escola incentiva gêneros orais, mas que a maioria dos entrevistados tem dificuldade em se expressar oralmente durante as aulas.

Gráfico 1: Práticas de oralidade dos estudantes

Quais dessas práticas de oralidade você utiliza no seu dia a dia na escola?

8 respostas

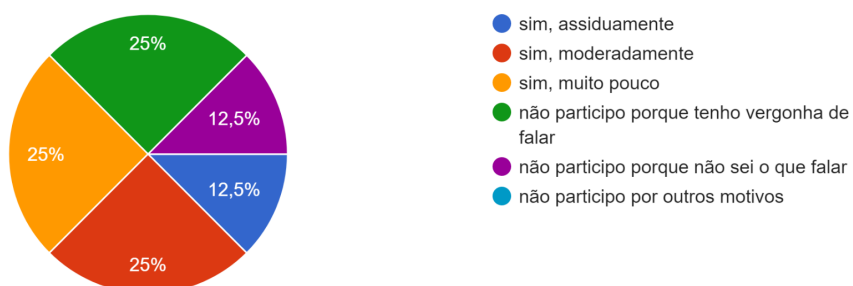


Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Gráfico 2: Participação dos discentes em debates na sala de aula

Você participa dos debates em sala de aula?

8 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

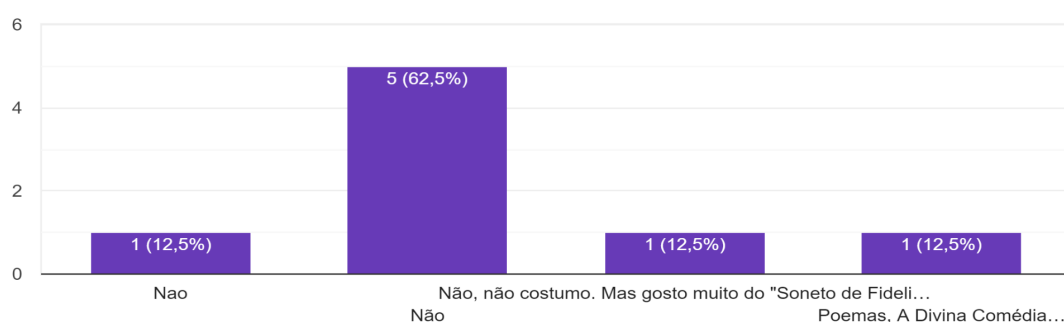
Podemos observar, no Gráfico 2, que 50% dos discentes entrevistados não participam oralmente das aulas enquanto 25% participam pouco. Porém o incentivo da escola aos gêneros orais faz com que tenhamos 25% dos entrevistados, participando moderadamente dos debates, concluindo que a prática da oralidade nessa escola está em processo evolutivo.

Por meio da pesquisa, ainda foi possível constatar que alguns discentes conhecem o *rap*, *trap*, literatura de cordel, coco e violeiros, porém a maioria não tem muito contato com a poesia escrita, demonstrando o distanciamento entre a poesia e jovens leitores, constatado por Helder Pinheiro, em sua obra “*Poesia na sala de aula*”, como é possível observar nos Gráficos 3 e 4 a seguir:

Gráfico 3: Leituras de poemas

Você costuma ler livros de poesia ou poemas? se sim qual seu autor/poema favorito?

8 respostas



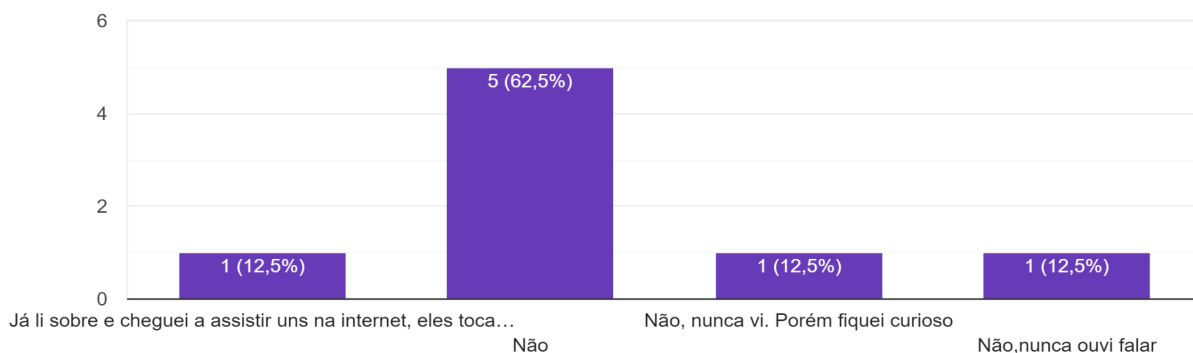
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Também foi constatado no questionário que os entrevistados não conhecem o *Slam* e apenas alguns tiveram contato com recitais na escola. Contudo, a maioria respondeu que conhece outros alunos na escola que são escritores e que já tiveram contato com a teatralidade e com o rap, dentro e fora da escola, dado que mostra um campo fértil para elaboração pesquisa.

Gráfico 4: Percepções dos discentes sobre o gênero *Slam*

Já ouviu falar em Slam? se sim, já assistiu alguma batalha e o que achou?

8 respostas

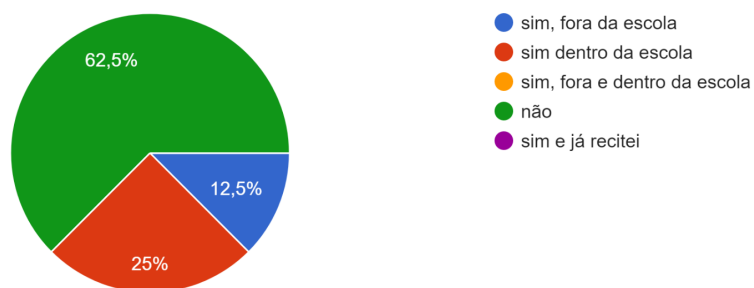


Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Gráfico 5: Percepções dos discentes sobre sarau ou recital poético

Você já foi à um sarau ou recital poético?

8 respostas

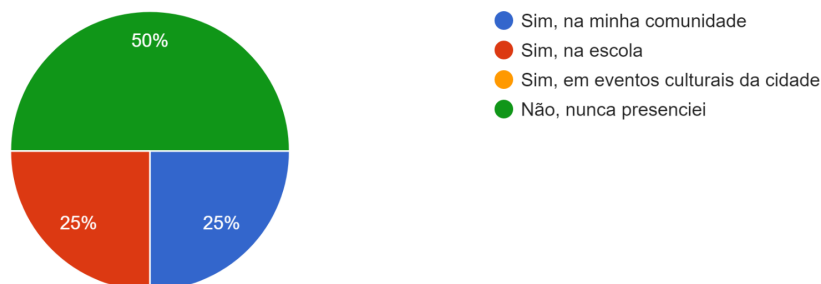


Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Gráfico 6: Percepções dos discentes sobre batalha de rappers

Você já presenciou alguma batalha de rappers?

8 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Após essa etapa da pesquisa, foi preparado um momento de primeiro contato com a poesia oral, em que visualizamos alguns vídeos de manifestações da poesia oral na mesa de glosa, no improviso do coco, no *rap*, e, por último, no *Slam*. Debates sobre os elementos da oralidade presentes nos textos exibidos e qual seria a relação da oralidade com a literatura. Anotamos, no quadro, os conhecimentos que os alunos traziam sobre poesia oral e onde poderíamos visualizar sua manifestação. Percebemos uma maior empolgação dos alunos com o gênero *rap*, então a partir dessa afetação começamos a refletir sobre os pontos em comum do *rap* com o *Slam*.

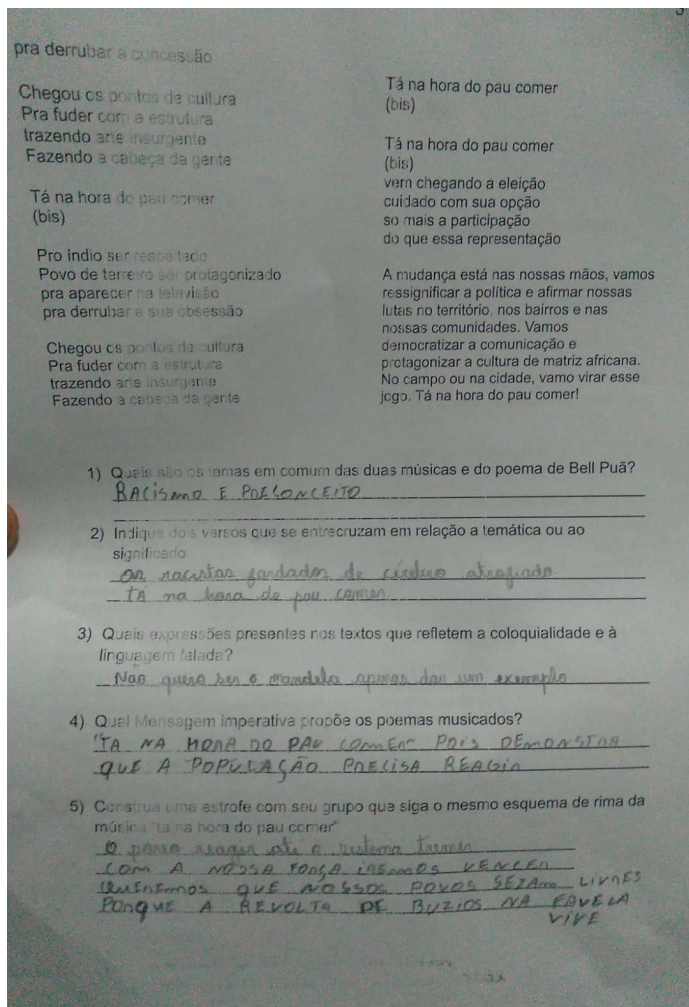
A batalha de *rap*, que analisamos na sala de aula, foi entre duas rappers mulheres e o poema, foi da *Slammer* Bell Puã, ambos tratavam do tema do racismo e feminicídio. No poema, a *Slammer* faz várias intertextualidades, inclusive com a cultura popular produzida por Mãe Beth de Oxum. Anotamos, no quadro, os temas transversais percebidos nos textos, abordamos a necessidade da rima para a musicalidade, o tempo, o ritmo e construção semântica inovadora, através de uma roda de debates. Logo após, foi pedido que os estudantes produzissem um relato escrito de um dia do seu cotidiano. Alguns não sabiam o que dizer ou não se sentiam confortáveis, então, foi pedido que escrevessem algum verso de poema ou música que descrevesse um pouco do seu dia a dia, ou como o encaravam. Nos relatos encontramos trechos de músicas de Racionais MC e Djonga, outros trouxeram relatos pessoais completos, outros desabafaram, enquanto alguns apenas escreveram frases de experiências diferentes, e foi a partir dessas

produções que pudemos conhecer um pouco das singularidades dos sujeitos com os quais estávamos trabalhando.

Percebemos que são jovens de baixa renda que já tiveram experiências com a morte por assassinato, outros carregam a cultura de matriz africana, outros sofrem com depressão, enquanto alguns relataram processos anteriores de escrita de livros, mas que não continuaram. Com essa atividade, concluímos que estamos diante de corpos periféricos e que se encaixam nos sujeitos trazidos por Souza (2011), quando cunha o conceito de letramentos de reexistência. Aqueles corpos e vozes que fazem parte dos grupos sociais invisibilizados pela sociedade e pela colonialidade ainda nela presente. Por fim, foi com esses escritos que montamos o planejamento da próxima ação.

Depois de conhecermos um pouco dos sujeitos que participaram da nossa pesquisa, em um outro bloco de aulas, levamos um estudo dirigido para a realização de uma análise comparativa entre duas músicas (“*Voz ativa*”, de Racionais MC e “*Tá na hora do pau comer*”, do Coco da Umbigada). Trabalhando com a metodologia ativa da Aprendizagem Baseada em Times - ABT, em grupos de 5 e 6 alunos, lemos o rap “*Voz Ativa*” e foi pedido que o grupo selecionasse trechos da música que os marcaram e apresentassem o porquê. Fizemos essa dinâmica e debatemos um pouco sobre os versos. Logo depois ouvimos “*Tá na hora do pau comer*” e discutimos sobre o teor textual, as marcas de oralidade e a expressão que intitula a música. Fizemos um debate, encontrando semelhanças entre os dois textos refletindo de que forma eles dialogavam. Depois, fizemos um processo de responder 4 questões elaboradas no estudo dirigido que perguntavam sobre os temas transversais encontrados, trechos dos dois textos que dialogavam e quais significados construíram, voz e mensagens que eles conseguiam enxergar nas músicas, observando como os textos representavam suas singularidades.

Figura 1: Atividade de leitura e interpretação



Fonte: Acervo da autora (2023).

Por último, foi sugerido um desafio, o de produzirem, em grupo, uma estrofe com 4 versos com rimas AABB, para ser recitado/cantado como numa releitura do coco escutado. O mote era o verso “*Tá na Hora do pau comer*”, e enquanto a pesquisadora passava de grupo em grupo tocando o pandeiro, os alunos interagiam dizendo seus versos, produzindo assim um momento de música e poesia. Fizemos uma competição entre os grupos e apenas um produziu o texto, mas não quis recitá-lo.

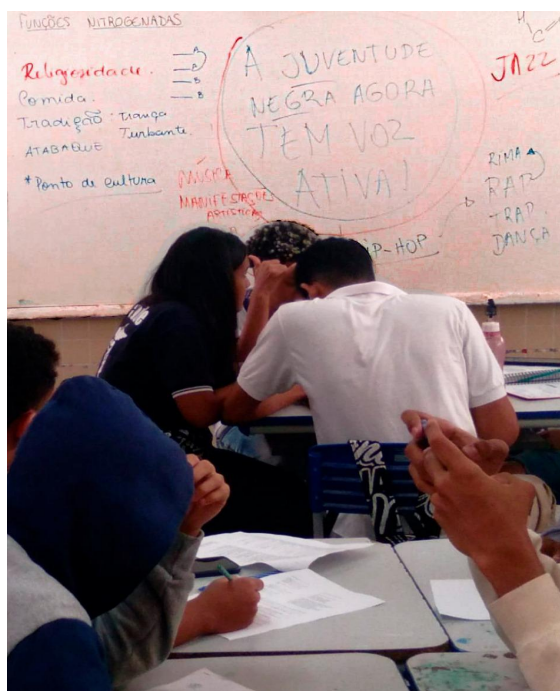
Todos os grupos trouxeram temáticas que dialogavam com os textos analisados, porém um deles trouxe intertextualidades e uma complexidade na construção poética que surpreendeu e se destacou. É importante salientar que todas as produções comentam sobre racismo e ascensão da minoria através da voz ativa

da juventude negra, visto que os próprios alunos trouxeram um verso da música deacionais: “*A juventude negra agora tem voz ativa*”, como tema norteador de suas produções. Analisemos, pois uma das produções feitas em grupo:

O irmão Moise espancado até a morte no quiosque
É o estado assassinando a juventude na favela
Ultimamente eu tô sem tempo pra ficar escutando essas merda
convoco minha caneta quando for pra fazer guerra
(Produção dos discentes. Os alunos não assinaram a atividade).

Nessa estrofe, podemos ver claramente o processo de intertextualidade com o caso do assassinato de Moise Kabagambe, congolês de 24 anos que foi espancado e assassinado num quiosque no Rio de Janeiro, por ter ido cobrar um pagamento atrasado, caso que disseminou movimentações em todo o país contra o extermínio da população negra e o racismo estrutural. Além dessa estratégia, os autores se referem a ele como “irmão”, evidenciando a identificação com o grupo social de negritude. Essa denúncia ao racismo estrutural fica clara quando os autores responsabilizam o estado pelos assassinatos da “juventude na favela” que são em sua maioria negros e negras. A oralidade também se faz presente no texto, quando se usa o vocábulo “merda”, para expressar sua indignação, o “to” que abrevia o verbo “estou”, assim como o uso do “pra”. No último verso, percebemos uma potência poética que caracteriza os poemas-manifestos *Slams*, em que o ato de escrever também pode travar guerras contra o sistema.

Figura 2: Discentes respondendo o estudo dirigido em grupo



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 3: Discentes realizando o estudo dirigido em grupos



Fonte: Acervo da autora (2023).

Com essa inicialização à poesia oral firmada, continuamos a explorar a oralidade poética, mas agora em conexão com o *rap*, visto que o *Slam* o tem como ancestralidade, pelos traços em comum relacionados aos temas, ao uso da oralidade cotidiana, ao discurso e ao texto sempre dialógico, com a inscrição de um corpo que grita, olha nos olhos, utiliza de expressões e gesticula para denunciar ou promover reflexão.

A fim de adentrar com o conceito de letramentos de reexistência, convidamos o Rapper Márcio para realizar uma roda de conversa com os alunos, facilitando o

acesso a um apanhado histórico sobre o *rap* e o processo de composição poética do músico, além de refletir sobre como sua ligação com a oralidade presente na ancestralidade dos povos de terreiro, influencia a sua poética, visto que seu trabalho une a cultura popular ao *hip hop*.

Figura 4: Roda de conversa com o Rapper Márcio Rastaman



Fonte: Acervo da autora (2023).

Com o propósito de trazer para a escola esse letramento defendido por Souza (2011), no qual “ativistas do movimento hip-hop desempenham papel histórico ao incorporar, criar, ressignificar e reinventar os usos sociais da linguagem, os valores e intenções.” (Souza, 2011, p. 36), os estudantes puderam trabalhar sua oralidade através de debates críticos e relatos de experiências, conheceram instrumentos ancestrais como o tambor, pandeiro e maracá que acompanham a oralidade literária dos povos originários e africanos, e tiveram a oportunidade de presenciar uma batalha de rap (*Freestyle*) realizada na sala de aula, entre o rapper e um dos alunos.

As atividades desse primeiro módulo focaram em trabalhar com a oralidade, conhecendo os corpos, vozes, identidades, grupos sociais e singularidades dos estudantes. Agora, partimos para o segundo módulo, que ainda no campo da oralidade, somaremos agora a voz e o corpo em fenômeno performático, conhecendo, desenvolvendo e praticando o gênero escolhido para essa pesquisa, o *Slam*.

Na primeira aula sobre *Slam*, com auxílio de *slides*, passeamos pela estrutura do gênero poético. Para melhor entendimento da história do *Slam*, aqui no Brasil, assistimos a um trecho de um vídeo, como motivação (Cosson, 2019), em que Roberta Estrela D’alva comenta sobre como o *Slam* surgiu em sua vida e como ela trouxe esse gênero literário para o país. Visualizamos, também, a declamação de

alguns poemas e trouxemos para debate a diferença entre a poesia escrita que foi feita para ser falada e a poesia escrita que foi feita para ser lida.

Refletimos sobre quais eram as marcas de oralidade presentes nos *Slams*, o que muda na composição estrutural do sentido do texto? Quais são as estratégias que o *Slam* usa para prender a atenção do ouvinte, e quais são as estratégias do texto escrito? Após debate coletivo, os alunos comentaram que o *Slam* é um gênero de poesia livre, uma “poesia de denúncia” (Vitor (estudante), 2023) e que está mais preocupado com a sonoridade, métrica e construção de significado a partir da utilização da intertextualidade.

Finalizado esse contato com o gênero, fomos para a análise de poemas, caracterizando o processo de leitura de Cosson (2019). Por meio de uma análise comparativa feita em times, entre os textos “*Mas é tudo a mesma merda esse tal de nordestino?*” de Bell Puã e “*Sou Preta, favelada, e vou calar a boca de quem quer me ver calada*”, de Bione, debatemos sobre marcas de oralidade e ainda, como o uso da linguagem cotidiana reafirmava identidades culturais e as singularidades dos sujeitos em seu processo de existir e resistir.

Percebemos os processos de intertextualidade na construção do sentido, composição de refrão dentro do *Slam* e representação dos grupos socialmente, estruturalmente e historicamente silenciados como as mulheres negras e os nordestinos. Análise concluída, partimos para a realização de uma atividade de *storytelling*, semelhante ao *Slam* grupo, em que os alunos declamaram os textos analisados em grupo, trabalhando a oralidade e expressividade, construindo em cada fala, personas com voz própria.

Em um outro momento, foi realizada uma oficina de criação poética, baseada na dinâmica da restrição formal, em que os alunos tinham que produzir uma estrofe ou um poema que contivesse alguma restrição ou delimitação, como, por exemplo, textos que partissem de uma única palavra ou que incorporassem estruturalmente características de um fato social e histórico, ou ainda um poema que não pudesse usar uma vogal específica. A maioria dos alunos fez apenas uma estrofe e apenas dois fizeram poemas, porém a maioria abordou os temas do racismo e da violência policial.

Três tiros de bala perdida
Corri para saber se não era meu irmão ali na vila
Mas quando cheguei lá, vi a triste notícia
Dessa vez, uma criança foi a vítima

ouvi o que aconteceu algo assim no Rio
Quem me contou foi meu tio
Uma menina de três anos brincava sozinha
Morreu a queima roupa pobrezinha (Mayara (estudante), 2023).

Nessa produção é perceptível, mais uma vez, a intertextualidade, a preocupação com o ritmo e com a narrativa de um fato real, assim como fazem os rappers, sendo “porta-vozes desse universo silenciado em que os dramas pessoais e coletivos desenvolvem-se de forma dramática” (Silva, 1999, p. 31, *apud* Souza, 2011, p. 79), caracterizando o *Slam* como uma agência de letramento de reexistência.

Após esse momento de produção textual, debatemos sobre a criação e a organização da batalha *Slam*. Houve uma votação para a escolha do nome “*Boombap*” e um outro grupo de alunos produziu o grito, marca que identifica cada *Slam*. A escolha do nome refletiu o interesse da turma pelo *rap*, já que esse vocábulo se trata de um estilo de música que remete a composição original do *rap*, com a bateria altamente enfatizada, assemelhando-se ao impacto que a palavra *Slam* e a poesia *Slam* carregam. O grito produzido e entoado antes de cada declamação era: “*Boombap! Boombap! Eu faço uma boa rima e agora cês repetem, Boombap!*”. Logo após, os alunos criaram comissões de organização do evento, grupos que cuidavam dos cartazes, da divulgação nas redes sociais, dos registros audiovisuais, o mestre de cerimônia, o matemático, a Dj, os jurados e os *Slammers*.

Figura 5: Print do perfil do Instagram do *Slam BOOMBAP*



Fonte: Instagram do Slam BOOMBAP

Em um outro momento, realizamos o *Slam* na biblioteca da escola, com premiação de livros para o primeiro, segundo e terceiro lugar. Os *slammers* que participaram abordaram sobre violência policial, feminicídio, intolerância religiosa com os povos de terreiro e racismo (alguns poemas estão disponíveis nos apêndices desse artigo). Após o anúncio dos vencedores, os alunos continuaram a recitar formando um sarau em que um aluno de outra turma também veio participar, ficando claro que o evento literário *Slam* promove sim o interesse pela escuta e produção literária de vozes que se assemelham às suas. No que se refere à oralidade, ao decorrer do evento os próprios estudantes que faziam parte do público, entoavam sons para expressar seu entusiasmo em relação a alguma performance, e foi constatado que esses sons se assemelham aos que são entoados nas batalhas de rappers.

Logo, foi observado que o *Slam BOOMBAP*, enquanto evento literário tem uma aproximação com a cultura *hip hop*, além ser marcado por discursos-manifestos que conversam com o interlocutor sobre as lutas das minorias, funcionou como um

movimento sociocultural que dá voz às singularidades dos corpos marginalizados na sociedade e invisibilizados nas escolas, como bem pode ser observado no poema declamado pela *Slammer* Luana:

Axé!
Tu por acaso sabe o que é?
Nem se interessa em saber
Mesmo não falando eu sei o que tu quer dizer
Misericórdia, sangue de Cristo
Como se fosse um mal
Só falta atravessar a rua quando vê um terreiro
Mas ama dançar os pontos ao som do pandeiro (...) (Luana, 2023).

Até o momento muitos colegas não sabiam dessa singularidade da poeta, e mesmo quando, durante as aulas, falávamos sobre a oralidade presente nos terreiros afro-indígenas, a aluna pouco falava sobre o assunto, e se mostrava muito tímida nos debates, porém foi através do *Slam* que ela pode dar voz à sua identidade e suas opiniões, *Slam* é reexistir, pois essa aluna pôde assim fazê-lo com sua voz poética. Luana ganhou o primeiro lugar do *Slam Boombaap* e surpreendeu a todos, pois até o último momento não iria participar como *slammer*, pois tinha vergonha de recitar.

Já com os alunos Victor e Mayara, o processo se deu de forma diferente, pois desde o começo do projeto de intervenção eles produziam e exercitavam suas vozes, performances e escritas. Mayara ficou em segundo lugar, pois sua desenvoltura ao recitar chocou a plateia, já Vitor ficou em terceiro, pois mesmo apresentando um texto muito bom, sua performance não foi tão coerente à excelência das suas palavras.

Cerca de 70% dos jovens de periferia
Sem antecedentes criminais já sofreram algum tipo de violência policial
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras
Nas universidades brasileiras, a quantidade de alunos negros caiu cerca de 48%
A cada 23 minutos, um jovem negro morre violentamente
Aqui quem fala é uma das poucas vozes que restou, mas pode me chamar de mais um sobrevivente...
Fogo nos racistas!
Eu disse, fogo nos racistas! Calma senhor!
Desculpa senhor!
Eu só te peço pena, saúde e amor (...) (Vitor, 2023).

No texto de Victor, percebemos dados científicos, marcas de oralidade, grito de denúncia e interlocução com o público. Com o tema que aborda o racismo e violência policial o *Slammer* construiu analogias, narrativas de dramas da realidade

que perpassam seu existir e resistir, “*Sabe qual era seu crime ele cometeu? O de existir. Sabe qual a pena tiveram dele? A de morte.*”

Com a análise dos poemas e do evento literário, concluímos que o *Slam* funciona como estratégia de letramento literário de resistência, pois entoaram vozes de jovens negros e negras, que denunciaram, politizaram e engajaram o falar poético dentro da escola, unindo o letramento escolar a uma agência de letramento literário de reexistência.

Finalizada a intervenção com a turma, percebemos um engajamento e uma aproximação com a literatura, além de incentivar o protagonismo dos estudantes, pois, em debates um dos alunos comentou que o *Slam* parecia “poesia de verdade, porque fala como a gente” (Victor, 2023) bem como percebeu-se um avanço no que tange às práticas de oralidade, como declamar, argumentar em debates, identificar a importância das marcas da oralidade na fala e na escrita poética. Muitos alunos ampliaram seu leque de conhecimento em outras áreas, para construir argumentos em seus poemas.

5. Considerações finais

Trabalhar com a oralidade poética em sala de aula incentiva não só o letramento literário na escola, como também incentiva a desenvoltura dos alunos em defenderem suas opiniões e formulá-las através da fala. Os gêneros orais nesse projeto de pesquisa são vistos como práticas sociais, logo carregam as singularidades dos sujeitos, utilizando a literatura como ferramenta de luta, existência e denúncia. O processo pedagógico desenvolvido incentivou que os alunos pudessem enxergar o texto literário além da escrita canônica, conhecendo sua manifestação oral e percebendo como ela dialoga com suas identidades. Outrossim, instigou um interesse pela poesia, pelo ouvir e fazer literário.

Com esse estudo, foi possível constatar que essa dificuldade de lidar com a oralidade e com a poesia, faz parte de um processo histórico e social de racismo estrutural (Almeida, 2019), pois quando trazemos um recorte do estudo de Barros (2005), sobre a educação da população negra no Brasil, refletimos que a textualidade dos povos originários e africanos, também fizeram parte do genocídio e aniquilamento cultural desses grupos sociais.

Ao trabalhar com a literatura oral *Slam*, voltamos nosso olhar para uma questão de resistência e reexistência dessas identidades presentes dentro e fora da instituição escolar, e, por ser um gênero que movimenta as vozes desses grupos sociais ainda discriminados, unimos os letramentos pensados por Cosson (2006) e Souza (2011) nessa pesquisa-ação. Com esse processo, pudemos constatar que trazer uma forma de fazer literatura que dialoga com a essência e realidade dos alunos, faz com que os textos se tornem mais significativos e incentive um interesse um pela poesia.

Durante a batalha *Slam*, foi observado que os discentes elogiavam, vibravam, faziam gritos de comemoração quando um poema mexia com eles, silenciavam quando um colega que recitava e gaguejava... usavam da oralidade nas interações e esta, por sua vez, compunha os discursos-manifestos (poemas) dos Slammer, dando voz singular às suas identidades política, histórica e social.

Um evento literário como o *Slam* desperta a vontade pela literatura e formar leitores literários iniciando pela poesia falada nos leva a base comunicacional do nosso cotidiano. Legitimar as oralidades poéticas das ruas dentro da escola é também legitimar e reconhecer a força de corpos, histórias e singularidades que nela habitam.

Referências

COSSON, R. **O letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação, **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000. Editora da UFPR.

FRANCO, M. A. S. A pedagogia da pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 31, n.

GUIMARÃES, A. M. M; DOLZ, J.; LOUSADA, E. G . Gêneros orais e práticas investigativas; confluências teóricas e didáticas. **Revista da Abralim**, v.20, n. 3, p. 1448 - 1452, 2021.

LIMA, W. M. J. Poesia Marginal: leitura, produção textual e contexto histórico. **Literatura e ensino: projetos de leitura**. Recife, EDUFRPE, 2020.

MARTINS, L. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, (26), 63–81, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148511881> Acesso em: 10 out. 2023.

MEDEIROS, V. L. C. Quando a voz ressoa na letra: conceitos de oralidade e formação do professor de literatura. **Organon**, Porto Alegre, v. 21, n. 42, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/36161> . Acesso em: 10 abr. 2023.

NEVES, C. A. Slams-letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, v. 30, n. 2, 2017, p. 92-112.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco Ensino Médio**. 2021.

ROSA, E.A.P.; LEITE, S. O revide da língua: a decolonização do pensamento na poética do slam. **Revista Terceira Margem**, v. 27, n. 51, 2023.

SILVA, I. M. M. **Literatura em sala de aula: da teoria à prática escolar**. Recife, Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop**. Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Apêndices

- **Apêndice 1:**
Poemas que competiram na batalha do Slam BOOMBAP

“Cerca de 70% dos jovens de periferia
Sem antecedentes criminais já sofreram algum tipo de violência policial
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras

Nas universidades brasileiras, a quantidade de alunos negros caiu cerca de 48%
A cada 23 minutos, um jovem negro morre violentamente
Aqui quem fala é uma das poucas vozes que restou, mas pode me chamar de mais um sobrevivente...
Fogo nos racistas!
Eu disse, fogo nos racistas! Calma senhor!
Desculpa senhor!
Eu só te peço pena, saúde e amor
Pena pelo negro que na rua apanha injustamente
Saúde pelos que morrem na fila de hospital sem antecedentes
E amor pelo menor que foi preso sendo inocente
E pela mãe, que chora até hj por ter perdido seu filho...
Poha, o moleque não era nem indecente...
Sabe o que muitos dizem por aí quando não foi com eles? "Oxi não foi comigo, eu tive foi é sorte!"
Esquerda de lá, direita de cá
E o povo segue firme tomando no centro
Onde a tristeza do abuso é pra maioria
E o prazer de gozar sobra pra somente 1%
Se você ver algo errado acontecendo com o teu povo e não quer falar
Vão acontecer mais daqueles vídeos que tanto rodou o mundo
Aquele que o homem negro falou no chão tantas vezes "socorro, não consigo respirar!"
Essa frase te faz lembrar de algum lugar?
Talvez sim, talvez não
Você talvez pode ter se esquecido mas a filha, a esposa e a mãe dele com certeza não
Eu sei, eu sei...
Parece que nós só apanha
Mas no meu lugar se ponha e suponha que
No século 21, a cada 23 minutos morre um jovem negro
E você é negro que nem eu, não ficaria preocupado?
Eu sei bem o que cê pensou daí
Rezando não tava, na certa deve ser desocupado
Mas o menor só tava voltando do trampo
Disseram que foi bala perdida
Mas na verdade foi executado! (Vitor, 2023)

Axé!
Tu por acaso sabe o que é?
Nem se interessa em saber
Mesmo não falando eu sei o que tu quer dizer
Misericórdia, sangue de Cristo
Como se fosse um mal
Só falta atravessar a rua quando vê um terreiro
Mas ama dançar os pontos ao som do pandeiro (...) (Luana, 2023)
Vai no samba, vai no côco
Mas se nega a entrar no terreno
E acha ruim quando convida
Sai pra lá com essa história de gira

E logo estila guando fala de Exu
Capaz de jogar água benta e chamar de diabo
Aliás, disse já chama né
Deus perdoe o que esse povo faz
Pra roda não vai
Mas de madrugada quebra tudo e abala minha paz
Abala minha fé
Tua crença tá no terço
A minha na ponta do pé
É tudo o que eu quero
Chegar num canto e ter respeito
Poder falar o que sou batendo no peito
Poder andar na rua sem medo
Pregam tanto o sim a vida
Mas quantos dos meus não morreram na rua pelo teu preconceito (Luana, 2023)

Três tiros de bala perdida
Corri pra saber se não era meu irmão ali na vila
Mas quando cheguei lá me deparei com uma triste notícia
Mais uma vez, uma criança foi a vítima

Mais uma vez pq não foi de primeira, segunda ou de terceira.
Fiquei sabendo de algo parecido
Que aconteceu no rio
Quem me contou foi meu tio
Que uma menina de três anos brincava sozinha
E morreu de bala perdida, pobrezinha.

Pobrezinha também da mãe que viu sua filha nascer mas nunca a verá crescer, ou
poderá conhecer.
Mas ninguém liga!
Até pq são os "bonzinhos" a quem dedico essa bela poesia.

Tiros, balas e mais tiros.
Enquanto eu rimo
Mais cidadãos morrem nesse lixo!
Mas não sintam medo, eles iram nos proteger!
As 6.430 pessoas foram mortas só para você ver!
Que não devemos temer.
Mesmo se estivermos com o rosto sangrando
Ou um joelho nos sufocando. (Mayara, 2023)

- **Apêndice 2: Link da rede social do Salm BOOMBAP, feita para a divulgação da Batalha Slam:**

https://instagram.com/slam_bombap_2023?igshid=dzJtOXZ3NWN4dTJw

- **Apêndice 3: Questionário de sondagem feito no Google forms**

Questionário de sondagem com discentes

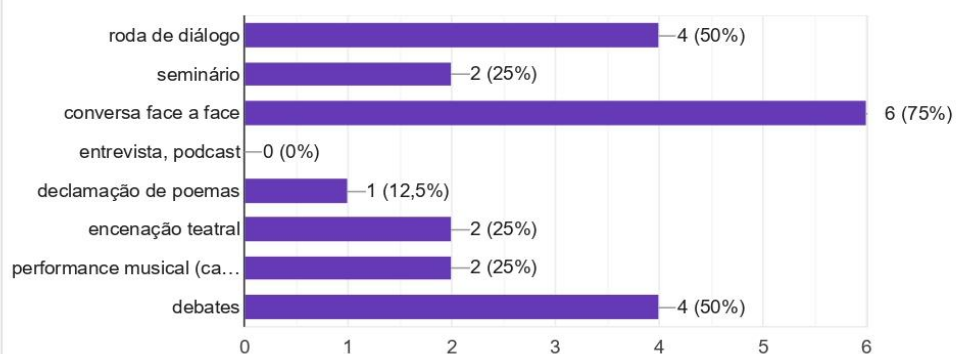
8 respostas

[Publicar análise](#)

Quais dessas práticas de oralidade você utiliza no seu dia a dia na escola?

[Copiar](#)

8 respostas



Você participa dos debates em sala de aula?

[Copiar](#)

8 respostas



Já fez algum trabalho em que utilizou alguma das práticas de oralidade citadas na primeira pergunta? Se sim qual foi? E o que achou?

8 respostas

Debate, bom

Sim, seminário

Sim, quando teve eletiva de educação sexual

Sim

Muito bom, gosto de sempre está em conversar com outras pessoas

Sim, em uma atividade com a professora de geografia. Eu achei interessante

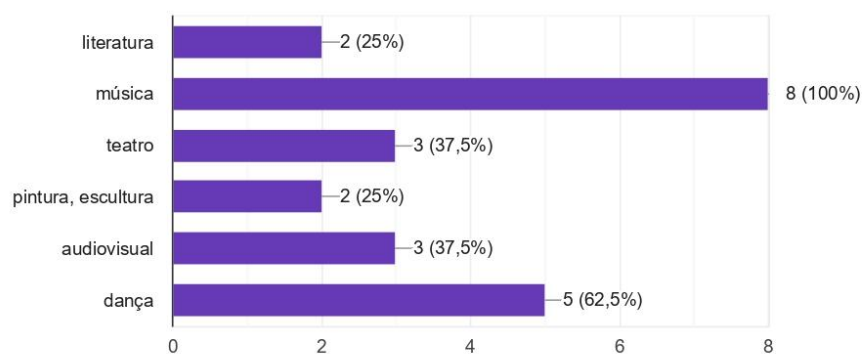
Não

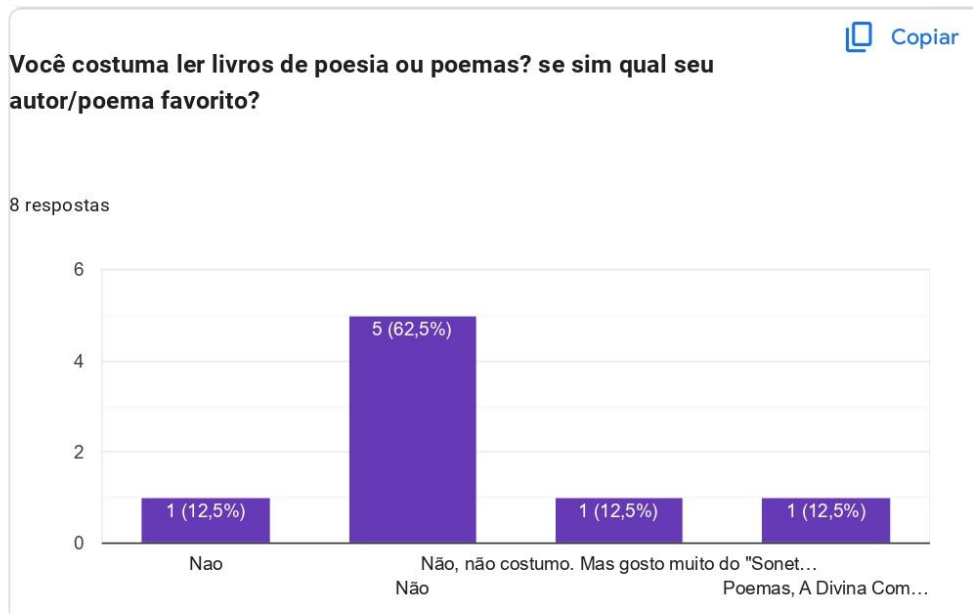
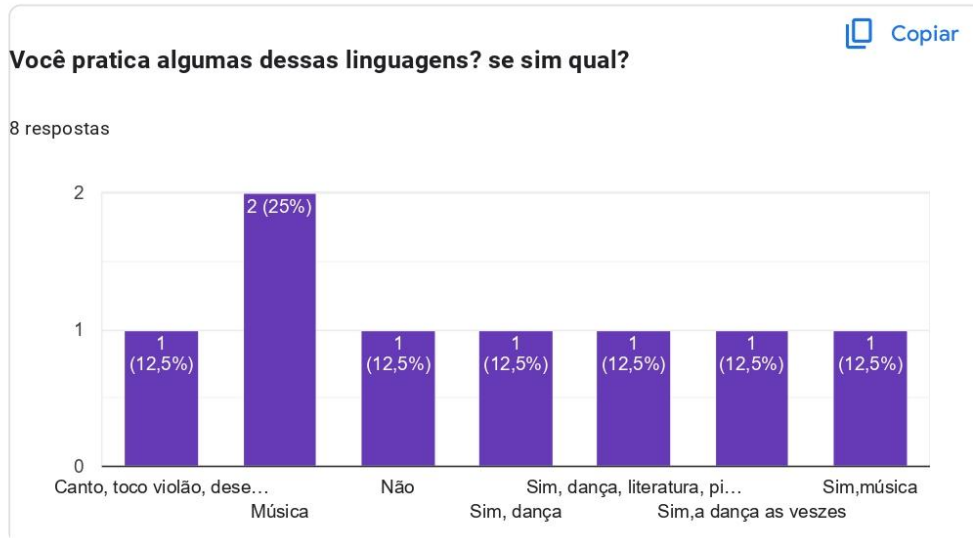
Sim, todos os eventos da escola buscam utilizar essas temáticas, principalmente a semana do estudante onde as salas devem produzir um musical, cantar, etc..

Quais dessas linguagens artísticas você mais consome?

 Copiar

8 respostas

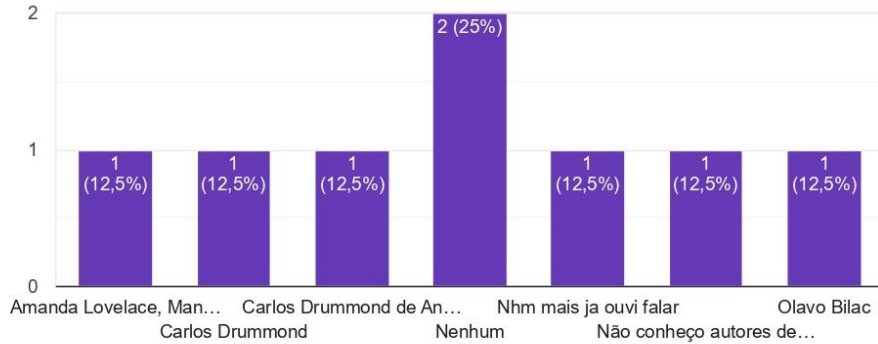




Quais autores ou autoras de poesia que você conhece?

Copiar

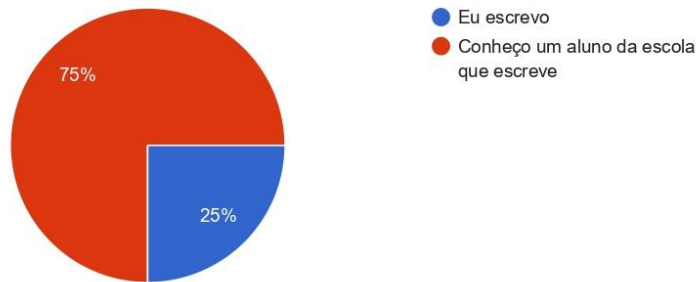
8 respostas



Você escreve ou conhece algum colega da escola que escreve poesia?

Copiar

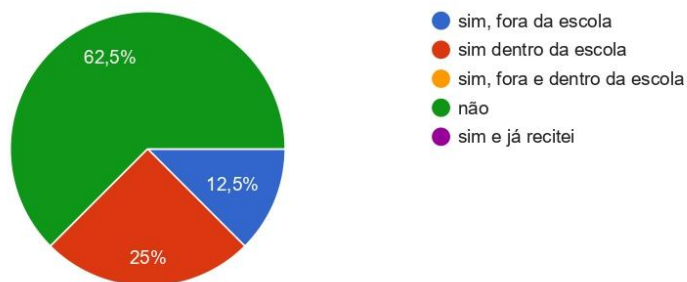
8 respostas



Você já foi à um sarau ou recital poético?

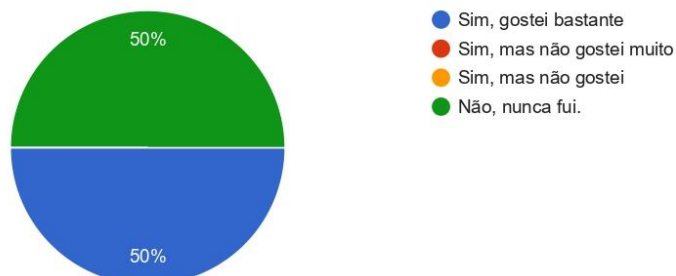
Copiar

8 respostas

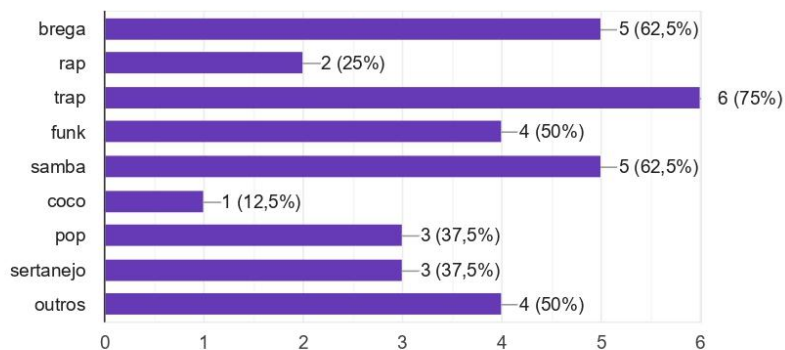


Você já foi numa peça de teatro? Copiar

8 respostas

**Quais gênero musical você mais escuta?** Copiar

8 respostas

**O que é o hip hop para você? tem algum MC, Rapper ou Poeta na sua comunidade?**

8 respostas

Não

Ate onde sei não

Para mim é um gênero musical muito perfeito, faz parte dos meus mais favoritos, e me ajuda muito a relaxar e esquecer das coisa. E sim tem um poeta sim, mas não é na minha comunidade, é um amigo meu da escola

Eu não sei

É uma obra de arte, Meno Tody

Uma dança de rua, é cultura. Tem mas eu não lembro o nome dele.

O que você pensa sobre poesia oral?

8 respostas

Acho bom

Sla

Não sei

Acho bonita

Muito bonita, e admiro muito quem tem o Dom de conseguir às fazê-la com tanto sentimento

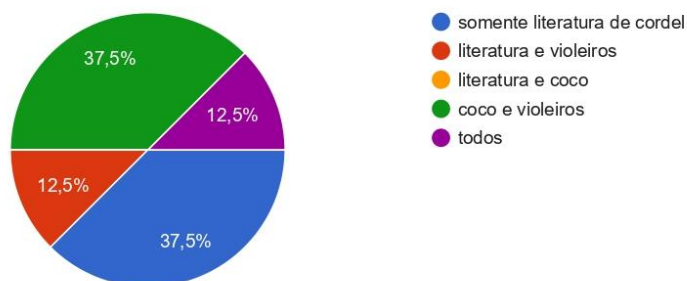
Acho legal

sem qualquer auxílio da escrita

É uma poesia falada.

Já teve contato com a literatura de cordel, com cantadores de viola ou mestre(a) de coco? Copiar

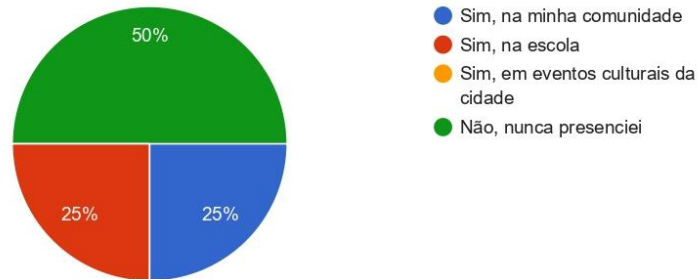
8 respostas



Você já presenciou alguma batalha de rappers?

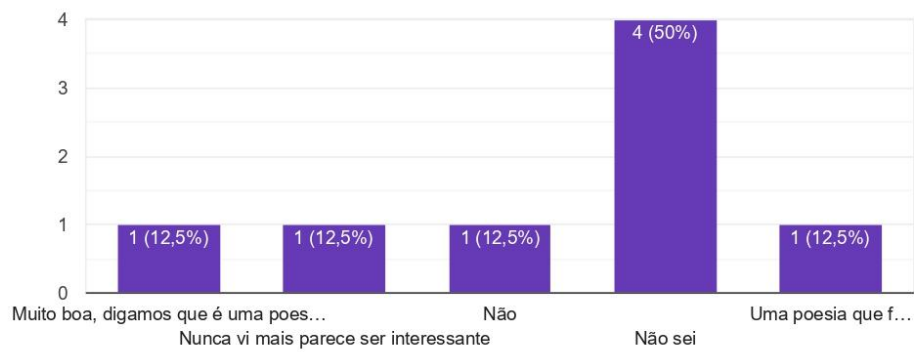
Copiar

8 respostas

**O que você acha que é poesia marginal?**

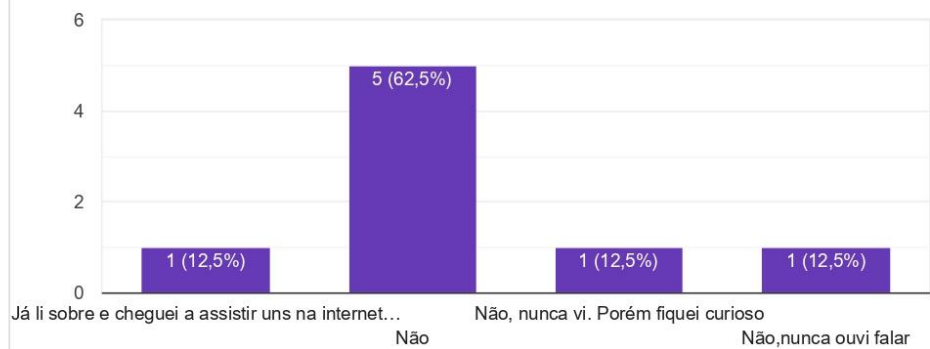
Copiar

8 respostas

**Já ouviu falar em Slam? se sim, já assistiu alguma batalha e o que achou?**

Copiar

8 respostas



- **Apêndice 4: Termo de consentimento livre e esclarecido**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da Pesquisa: ORALIDADE EM CENA NA ESCOLA: *SLAM* COMO ESTRATÉGIA PARA
LETRAMENTOS LITERÁRIOS DE REEXISTÊNCIA

Local do Estudo: Recife – PE.
Discente: Rafaela Karolina Souza Marques.
Orientadora: Prof^ª. Dra. Ivanda Maria Martins Silva.
Endereço: Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos.
CEP: 52171-900 – Recife – PE. Fone: (81) 3320-6103
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estimado(a),

- Você está sendo convidado (a) a participar de um estudo que tem como **objetivo** em investigar o Slam em práticas de letramentos literários de reexistência em conexão com processos de ensino e aprendizagem da oralidade na Educação Básica.

Se você concordar em participar voluntariamente, as seguintes condições ocorrerão:

- A pesquisa trará como **benefício**, o conhecimento aprofundado sobre o ensino de literatura no ensino médio, possibilitando, assim, uma possível intervenção para o incremento desse estudo;
- Os dados coletados ficarão sob a guarda da coordenação da pesquisa, sendo garantido seu sigilo e confidencialidade;
- O (a) senhor (a) terá os seguintes **direitos**: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo.

CONSENTIMENTO

Li e entendi as informações precedentes descrevendo este projeto de pesquisa e todas as minhas dúvidas em relação ao estudo e a minha participação nele foram respondidas satisfatoriamente. Livremente, dou o meu consentimento para minha participação neste estudo, até que me decida pelo contrário.

Recife, 24 de Novembro de 2023.

Rafaela Karolina Souza Marques

Assinatura

Nome completo